

O Diário de Maringá – 10/10/2007

(<http://www.odiariomaringa.com.br/noticia/161421>)

Risco de apagão no Paraná será cinco vezes maior até 2011

Previsão é de **Instituto** que reúne investidores no setor. Risco, com diferenças mínimas, é geral para todos os Estados. Déficit pode chegar a 1,8 mil megawatts

Alan Maschio - Enviado a Brasília

maschio@odiariomaringa.com.br

Estimativa é do **Instituto Acende Brasil**, que reúne investidores do setor energético

O risco de racionamento de eletricidade, atualmente considerado nulo pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), vai chegar a 4,5% já no próximo ano e praticamente ser multiplicado por cinco até 2011 no Paraná.

A estimativa foi divulgada nesta quarta-feira pelo **Instituto Acende Brasil**, que reúne investidores do setor, na Conferência Internacional de Energia, evento que integrou a programação da 2ª Feira Internacional de Agroenergia, Biocombustíveis e Energias Renováveis (Enerbio), em Brasília.

Na apresentação, o **presidente do instituto, Claudio Sales**, listou números relativos ao Sudeste, ressaltando que o gráfico da evolução de riscos de apagões representa, com diferenças mínimas, a situação de todos os outros Estados.

O Paraná apresenta uma peculiaridade, segundo **Sales**. “O Estado recebeu investimentos pesados na melhoria das linhas de transmissão, que foram o fator crítico do apagão vivido pelo País em 2001. Hoje a situação não é nada, se comparada à vivida há seis anos. Mas ainda não é a ideal.”

A elaboração do gráfico, ainda segundo **Sales**, levou em consideração tanto as evoluções ideais do Produto Interno Bruto nacional (PIB) quanto o aumento da oferta de energia, proporcionado pelos acordos da Petrobras com a Aneel para o fornecimento de gás para 42 termelétricas hoje desativadas (inclusive a de Araucária, na região metropolitana de Curitiba) e pelos leilões para compra de eletricidade previstos para 2008.

O déficit a ser gerado com o crescimento do PIB, estimado em 4,8% para este ano, pode alcançar 1,8 mil megawatts. São estes os números que preocupam Sales e que foram reforçados pelo diretor-geral da Aneel, Jerson Kelman, que preserva uma postura mais segura diante do quadro de oferta de energia.

Para Kelman, fatia energética de tal proporção pode ser suprida se os leilões para contratação de eletricidade forem realizados de forma satisfatória em 2008.

“No entanto, se isso não acontecer, podemos adotar medidas mais ágeis, como a instalação de termelétricas movidas a óleo combustível ou algo assim, o que não é o ideal, mas vai servir.”

O revés, neste caso, seria enfrentar a resistência da comunidade internacional a este tipo de produção energética. Kelman contou ter se encontrado com ministros noruegueses este ano e, ao contar que essa seria a alternativa para a prevenção contra apagões no Brasil, teve que ouvir o discurso pró-ambientalista que toma conta do território europeu.

“Senti vergonha”, diz.

Os leilões, segundo o diretor-geral da Aneel, dão preferência para a compra de energia produzida com biomassa, mas podem contemplar qualquer outro projeto. Ainda não há prazos ou lugares definidos para a instalação das usinas.

À espera do desfecho dos leilões, a Aneel já trabalha a possibilidade de intensificar campanhas educativas, medidas consideradas por especialistas do setor como de efeito mais prático e ágil na contenção do consumo de energia, porém pouco eficientes para se evitar apagões.

Um dos focos deve ser o estudo de opções para substituição dos chuveiros elétricos, os maiores consumidores de energia doméstica na atualidade.

O repórter Alan Maschio viajou a Brasília a convite da organização da 2ª Feira Internacional de Agroenergia, Biocombustíveis e Energias Renováveis (Enerbio).